

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA**  
**PRÓ-REITORIA DE ENSINO MÉDIO, TÉCNICO E**  
**EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA**  
**CURSO DE PEDAGOGIA – PARFOR/CAPES/UEPB**

**JOSEFA DE FÁTIMA FERNANDES ARAÚJO**

**LEITURA E LUDICIDADE: teoria e prática no desenvolvimento do ato de ler e  
compreender**

**PATOS – PB**  
**2014**

**JOSEFA DE FÁTIMA FERNANDES ARAÚJO**

**LEITURA E LUDICIDADE: teoria e prática no desenvolvimento do  
ato de ler e compreender**

Trabalho de conclusão de curso  
apresentado à Universidade Estadual da  
Paraíba como requisito parcial para  
obtenção do título de Licenciatura Plena  
em Pedagogia.

Orientadora: Profa. Ma. Rosângela de Araujo Medeiros

PATOS – PB  
2014

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

A663I Araújo, Josefa de Fátima Fernandes.  
Leitura e ludicidade [manuscrito] : teoria e prática no desenvolvimento do ato de ler e compreender / Josefa de Fátima Fernandes Araújo. - 2014.  
53 p. : il. color.

Digitado.  
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia EAD) - Universidade Estadual da Paraíba, Pró-Reitoria de Ensino Médio, Técnico e Educação à Distância, 2014.  
"Orientação: Profa. Msc. Rosângela de Araújo Medeiros, CCEA".

1.Leitura. 2.Ludicidade. 3.Música I. Título.

21. ed. CDD 372.4

**JOSEFA DE FÁTIMA FERNANDES DE ARAUJO**

Trabalho de conclusão de curso apresentado à Universidade Estadual da Paraíba como requisito parcial para obtenção do título de Licenciatura Plena em Pedagogia.

Data de avaliação: 18/07/2014

**BANCA EXAMINADORA**



\_\_\_\_\_  
Orientadora: Profa. Ma. Rosângela de Araujo Medeiros  
(UEPB)



\_\_\_\_\_  
Examinadora: Profa. Ma. Lidiane Rodrigues Campêlo da Silva  
(UEPB)



\_\_\_\_\_  
Examinadora: Profa. Dra. Tatiana Cristina Vasconcelos  
(UEPB)

## **AGRADECIMENTOS**

Quero deixar aqui meus agradecimentos às pessoas que, de alguma forma ou de outra, contribuíram para a realização deste trabalho: à Rosângela de Araujo Medeiros, minha orientadora; a meu esposo, a meus pais; à minha irmã e a meu filho, pois todos me incentivaram a prosseguir mesmo com todas as dificuldades.

E, de modo especial, agradeço a Deus por ter sido a fonte espiritual que me deu força para continuar nos momentos em que fraquejei.

A leitura de mundo precede a leitura da palavra.  
Paulo Freire.

## RESUMO

Neste estudo, tem-se a preocupação de refletir sobre a leitura e a compreensão de textos. Assim, esta é a temática da presente investigação, elaborada com o objetivo geral de refletir sobre os vários níveis de aprendizagem relacionados à leitura de um texto, discutindo o sentido e o enriquecimento que pode proporcionar ao leitor por meio de atividades lúdicas, como a música e a poesia em sala de aula. Objetiva-se também descrever os mecanismos que permitem chegar à apreensão textual de forma a perceber como o funcionamento desses mecanismos atua na memória. Estruturado sob o ponto de vista de alguns especialistas no assunto como Fulgêncio e Liberato (2001), Kleiman (2004), Martins (1994), Orlandi (1998) entre outros. Também se baseia no resgate das experiências dos Estágios Supervisionados, enfocando intervenções didáticas com crianças das escolas-campo de Educação Infantil e Ensino Fundamental. Nessas vivências explorou-se mecanismos da leitura, integrados à ludicidade, por meio da música, o que tornou possível verificar que esta forma de trabalhar as etapas da leitura envolve e estimula o interesse das crianças, de forma que possa contribuir para a formação de um leitor proficiente.

**Palavras-chave:** Leitura. Ludicidade. Música.

## **ABSTRACT**

In this study, it has been a concern to reflect on reading and reading comprehension. So this is the theme of this research, conducted with the main objective to reflect on the various levels of learning related to reading a text, discussing the meaning and enrichment that can provide the reader through entertaining activities like music and poetry in the classroom. The objective is to also describe the mechanisms that have led to the seizure of textual order to understand the functioning of these mechanisms operates in memory. Structured from the point of view of some experts on the subject as Fulgencio and Liberato (2001), Kleiman (2004), Martins (1994), Orlandi (1998), among others, also based on the experiences of redemption Supervised, focusing educational interventions with school children-field Early Childhood Education and Elementary Education. These experiences was explored mechanisms of reading, integrated to the playfulness, through music, which made it possible to verify that this way of working the steps of reading involves and stimulates children's interest, so that it can contribute to the formation of a proficient reader.

**Keywords:** Reading. Ludicity. Music.



## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO</b> .....	9
<b>2 LEITURA: ATIVIDADE DE CONSTRUÇÃO DE SENTIDO</b> .....	12
<b>2.1 O funcionamento da leitura</b> .....	15
2.1.1 Leitura ascendente .....	15
2.1.2 Leitura descendente .....	17
2.1.3 Leitura interacional .....	21
<b>3 A ATIVIDADE LÚDICA, MÚSICA E LEITURA</b> .....	24
<b>3.1 A atividade lúdica e música</b> .....	25
<b>3.2 Leitura e música</b> .....	27
<b>3.3 Gestão Escolar</b> .....	28
<b>4 EXPLORANDO A LEITURA POR MEIO DA ATIVIDADE LÚDICA MUSICAL: OS ESTÁGIOS SUPERVISIONADOS</b> .....	31
<b>4.1 Percurso metodológico</b> .....	31
<b>4.2 A creche</b> .....	32
4.2.1 Caracterização da escola .....	33
4.2.2 Projeto de intervenção I: importância do brincar .....	34
4.2.3 Projeto de intervenção II: Educação Infantil .....	36
<b>4.3 A EMEF Tobias de Medeiros</b> .....	38
4.3.1 Caracterização da escola e aspectos pedagógicos .....	39
4.3.2 Projeto de intervenção III .....	40
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	46
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	47

## 1 INTRODUÇÃO

A leitura é um processo cognitivo, uma atividade social e cultural, que possibilita a aquisição de informações e para sua compreensão da realidade. Envolve um conjunto de conhecimentos adquiridos bem como uma maneira de interpretar um conjunto de ideias que possibilite ao leitor registrar as informações.

Baseado em seus conhecimentos prévios e no uso constante de leituras, o leitor se envolve, começa a fazer previsões e reajustes e, dessa forma, vai construindo sentidos possíveis para o que lê. Todavia, para que tenha condições de ler e compreender textos passará por várias etapas, segundo Fulgêncio e Liberato (2001): leitura ascendente (leitor em sua fase inicial, a leitura utilizada através dos olhos, vai sendo processada na memória, nessa fase o leitor tem dificuldades de apreender as ideias principais apresentadas no texto), leitura descendente (o leitor faz uso dedutivo, utiliza das previsões para entender as ideias propostas no material escrito) e leitura interacional (utiliza o processo ascendente e descendente ao mesmo tempo e atua de forma interativa frente aos textos em que é submetido).

Assim, esta é a temática da presente investigação, elaborada com o objetivo geral de refletir sobre os vários níveis de aprendizagem relacionados à leitura de um texto, discutindo o sentido e o enriquecimento que pode proporcionar ao leitor por meio de atividades lúdicas, envolvendo a música e a poesia em sala de aula.

E, por conseguinte, este estudo foi desenvolvido a partir dos seguintes objetivos específicos:

- Descrever os mecanismos que permitem chegar à apreensão textual de forma a perceber como o funcionamento desses mecanismos atua na memória;
- Compartilhar atividades de estágio supervisionado, relacionadas a projetos que exploraram o funcionamento da leitura, realizadas pela pesquisadora em duas escolas municipais da cidade de Patos-PB.

Vale ressaltar que esse trabalho foi organizado também a partir das observações feitas no campo de estágio, quando foi possível perceber a dificuldade no âmbito da leitura e então foram elaborados projetos de intervenção visando à aprendizagem dos alunos por meio da música e da poesia, a fim proporcionar que sentissem prazer ao ler os textos trabalhados.

Para sua realização, baseou-se em um levantamento teórico, considerando as reflexões de Kato (1999), Kleiman (2004), Koch (1999), Orlandi (1998), Martins (1994), entre outros.

Considera-se importante a realização desta investigação porque versa sobre uma temática que envolve o mundo da leitura, base da sociedade atual, que também se organiza pela escrita. Muitas das práticas sociais envolvem situações letradas e o ambiente escolar é espaço privilegiado para formar um leitor proficiente para atuar nessa sociedade. Como se intenta discutir as habilidades de leitura, explicitando como ocorre esse processo na memória do sujeito leitor-aluno, pode contribuir para que professores reflitam sobre o trabalho com leitura desde a educação infantil.

Não se trata de um manual com instruções para o encaminhamento do ato de ler. Trata-se da busca de uma metodologia mais coerente para a orientação da leitura e compreensão, fundamentada em vários autores desta área.

Desta forma, o trabalho está organizado em quatro capítulos. No primeiro, de caráter introdutório, apresenta-se a importância da leitura no contexto atual, bem como os objetivos norteadores deste trabalho, além de justificar sua importância. No segundo capítulo será feita uma explanação geral sobre a leitura e o seu funcionamento, isto é, alguns procedimentos relacionados à compreensão textual e os processos de leitura que o leitor necessita para compreender e de que forma a memória atua durante a prática.

No terceiro, será abordada a importância da atividade lúdica por meio da música e como essa arte pode influenciar na aprendizagem de modo a facilitar a compreensão correta dos textos, apreciando significativamente a música através da escuta, envolvimento e compreensão da linguagem musical e desenvolvendo a sensibilização, trabalhando com o ritmo e estímulos auditivos e visuais. Além disso, serão ressaltadas as estratégias de leitura como componentes deste processo. Neste capítulo ainda será abordado o papel da gestão escolar, na execução das propostas pedagógicas voltadas para a leitura, no gerenciamento dos recursos financeiros e no desenvolvimento de práticas cotidianas de forma a incentivar a leitura.

Por fim, no quarto capítulo, são apresentados os aspectos cognitivos da compreensão da leitura na atividade lúdica musical a partir do resgate das vivências dos estágios supervisionados do curso de Licenciatura em Pedagogia-PARFOR, enfatizando a observação e a caracterização bem como os projetos de intervenção

realizados na Creche Igor Mota e na EMEF Tobias de Medeiros, localizadas em Patos-PB. Apresenta também o percurso metodológico utilizado para sua realização.

Neste trabalho pôde ser verificado a importância de explorar o processo de funcionamento da leitura para formação de leitores, da mesma forma que foi possível enxergar que os estágios supervisionados embasam as reflexões sobre alguns aspectos primordiais da leitura e que podem ser trabalhados, no que diz respeito às etapas ascendente, descendente e interacional, relacionadas ao processo de aquisição da leitura.

Tais processos de funcionamento devem ser contemplados na escola e mais uma vez atenta-se também para o papel do educador na busca para formar sujeitos que possam ser leitores e escritores da história individual e coletiva, em um processo de enriquecimento humanístico e criativo que se dá por meio da leitura e da escrita.

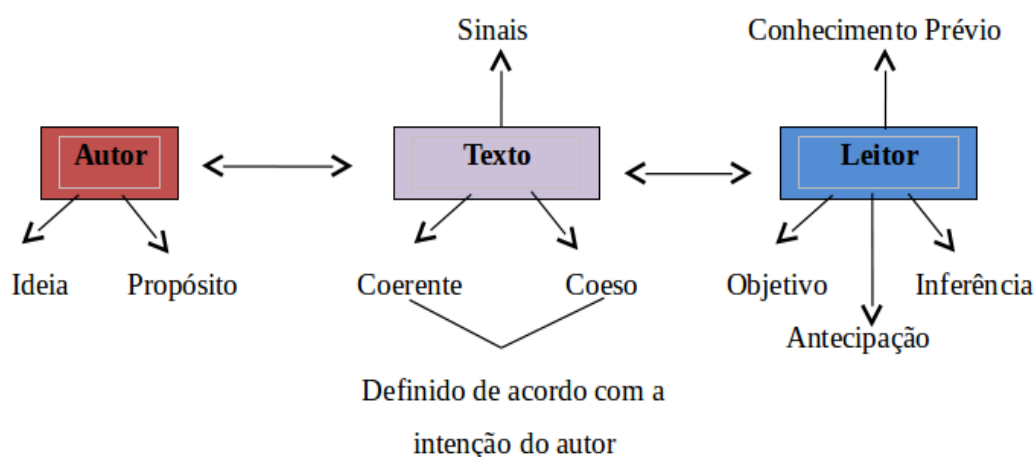
## 2 LEITURA: ATIVIDADE DE CONSTRUÇÃO DE SENTIDO

A leitura é uma atividade que não se reduz apenas a decifrar ou decodificar a escrita, mas também realizar uma construção de significados sobre o texto. Nesse sentido, o ato de ler é um processo de interação entre leitor, autor e texto. Isto significa que o mais importante na leitura são as experiências do leitor e sua participação ativa na interpretação, na reorganização do significado e nas ideias propostas pelo escritor. Os Parâmetros Curriculares Nacionais (BRASIL, 1997, p.53) enfocam que,

a leitura é um processo no qual o leitor realiza um trabalho ativo de construção do significado do texto, a partir dos seus objetivos, do seu conhecimento sobre o assunto, sobre o autor, de tudo o que se sabe sobre a língua [...] não se trata simplesmente de extrair a informação escrita, decodificando-a letra por letra, palavra por palavra. Trata-se de uma atividade que implica, necessariamente, compreensão [...].

Isso quer dizer que ler é produzir sentidos e vivenciar experiências. É ser apto a entender e decifrar a realidade. O texto não é único. É o espaço de conversação entre o leitor e o autor através dos escritos, remetendo à consideração de que há uma incompletude no que diz respeito à vivência de mundo do leitor. O quadro 1 mostra como é feito o processamento da leitura:

Quadro 1: Esquema de processamento da leitura



Fonte: da autora.

A criança desde cedo percebe e atua junto aos seus semelhantes, atribuindo significado aos seres, objetos e situações a sua volta. Antes mesmo de ingressar na entidade de ensino, pode ter a capacidade de ler símbolos que identificam uma empresa ou uma marca de algum produto, seu próprio nome e palavras que lhe são significativas. Além disso, possivelmente, levanta hipóteses sobre textos que circulam em seu ambiente familiar e social, como receita de bolo, letreiro de ônibus, título de histórias infantis ou em quadrinhos, poemas, músicas, entre outros.

O aprendizado da leitura é uma atividade constante, bem maior do que o simples conhecimento do valor sonoro das letras, palavras, frases. É necessário propiciar ao leitor o contato com textos escritos de modo que possa compreender que a finalidade essencial da escola é a leitura. Esta prática envolve o ler e o ouvir histórias de modo que auxilie a capacidade cognitiva do indivíduo principalmente na fase inicial quando o mesmo não está preparado para ler sozinho. Geralmente, nessa etapa, costuma se associar a leitura ao prazer.

Nesse panorama, em contraste à alfabetização tradicional, que considera a leitura como um ato de decodificação, o ato de ler é muito mais que isso, é preciso que o sujeito utilize, nesse processo, os seus conhecimentos linguísticos textuais e de mundo que são determinantes das antecipações das inferências, a serem realizadas, permitindo que o leitor construa sentidos mais amplos sobre os textos. Então, a leitura é um ato de permanente entrelaçamento do conhecimento com a informação, ou seja, é uma ponte para o contato com o novo.

Orlandi (1998, p. 14) afirma que “o texto não é uma superfície plana, nem tampouco linear [...] o texto é um bólide de sentidos. Ele 'parte' em inúmeras direções, em múltiplos planos significantes. Diferentes formulações constituem novos produtos significativos”. Isso significa que um texto pode suportar várias leituras. Uma abordagem temática pode apresentar uma série de possibilidades de exploração, respeitando as particularidades de cada texto.

A leitura deve ser uma referência para que o leitor possa utilizá-la dentro e fora da sala de aula. São vários os momentos sociais que exigem um conhecimento mais profundo do sujeito, como a defesa de seus direitos e opiniões, a compreensão de instrumentos de aparelhos eletrônicos ou bulas de medicamentos, as exigências profissionais, entre outros momentos importantes.

Logo, a leitura é um assunto que vêm preocupando o país, pois grande parte da população é considerada analfabeta funcional, ou seja, não consegue

compreender o que está escrito em jornais, revistas, folhetins ou até em materiais escritos que os auxiliem em sua atividade profissional.

Outro fator preocupante na formação de leitores é a atuação da instituição escolar, que não está conseguindo trabalhar adequadamente a leitura na sala de aula, visto que seus sujeitos, mesmo no ensino médio, estão tendo dificuldades em apreender de forma dinâmica os textos que são apresentados na vida cotidiana.

É interessante ressaltar ainda que o aluno não faz uso do livro didático como fonte de leitura, por achar desinteressante ou por apresentar um vocabulário difícil, servindo, normalmente, de apoio didático para os professores utilizarem em suas aulas. Sobre isso, Perini (1998, p.85) relata que,

é necessário agir junto a autores, editoras e escolas no sentido de conscientizá-los da necessidade de planejar o texto didático de maneira a otimizar seu efeito como instrumento de alfabetização funcional, e é necessário desenvolver critérios e reformular tais textos de acordo com essa finalidade.

Quando a leitura passa a ser entendida como a arte de argumentar, com efeito, pode representar um aprendizado reflexivo, desde que esse trabalho seja feito com a participação integrada de professores, pais e alunos. Nesse elo efetivo, o ato de ler põe em prática a criação do desenvolvimento intelectual, tendo a faculdade de perceber que a realização dos conhecimentos só será possível se houver a realização de diversas leituras que mobilizem, enriqueçam e auxiliem a formação dos leitores.

A leitura e o trabalho com textos só terá significação se o aluno compreender suas relações e conexões com o sistema de letramento. A investigação sobre a forma de aprender a linguagem por meio da escrita tem sido motivo de especulações. Percebe-se que a codificação é de grande valia para o funcionamento da leitura, pois o contato com a linguagem escrita e com textos que circulam socialmente favorece o desenvolvimento de habilidades para analisar, refletir sobre as relações e os sentidos dos textos, das palavras, como se caracterizam e se organizam na formação de significados.

Acredita-se que no momento em que o leitor reflete sobre o tema, torna-se mais fácil a sua compreensão. Concomitantemente, a abordagem desta também auxilia na formação de opiniões, enriquecendo o conhecimento cognitivo do leitor. Portanto, ler é adquirir saberes por meio dos sentidos, da emoção e da razão.

## 2.1 O funcionamento da leitura

Com base em seus conhecimentos prévios e o uso constante de leituras, o leitor se envolve, começa a fazer previsões e reajustes e, dessa forma, vai construindo sentidos possíveis para o que lê. Entretanto, para que o leitor tenha condições de ler e compreender textos passará por algumas etapas, que são: leitura ascendente, leitura descendente e leitura interacional.

### 2.1.1 Leitura ascendente

A leitura ascendente está vinculada ao leitor que tem dificuldades de identificar as ideias principais do texto, a informação é captada pelos olhos, mas o receptor não consegue analisar minuciosamente o que o texto propõe.

Pode-se dizer que o leitor ascendente analisa cuidadosamente o estímulo visual para adquirir informações; no entanto, essa dependência dificulta o trabalho da leitura uma vez que a memória não detecta da mesma forma todos os sinais apresentados no texto. Orlandi (1998, p. 70) declara que “a nossa percepção é desorganizada, ou melhor, a percepção não é fixa, não se faz de um lugar só. O olhar é móvel, atinge e se desloca por posições diferentes”.

No momento em que está ocorrendo à leitura, os olhos percorrem diversas direções e quando há dificuldade no entendimento do material, o leitor retorna ao texto para esclarecer suas dúvidas, isso mostra que a pessoa lê com eficiência, vai verificando sua própria competência cognitiva. Embora o ser humano utilize a visão para perceber o que ocorre a sua volta, nem sempre esta é utilizada da mesma forma, uma vez que a percepção é individual. Partindo desse pressuposto, Orlandi (idem, p. 16) ainda afirma que “[...] o texto pode ser considerado como uma dispersão do sujeito e isso pode ser entendido dizendo que, no texto, o sujeito pode aparecer em várias posições.”

Quando se utiliza a visão para identificar signos, inicia-se o processo de interpretação das letras em sílabas e em palavras, em seguida em frases e em texto, esse material é armazenado no cérebro e, com base no conhecimento da língua, o sujeito começa o processo de entendimento do que lê.

Segundo Orlandi (1998, p. 72) a relação existente entre o interlocutor e o material escrito não é linear e nem mecânica. Ela passa por intervenções, que são



as experiências da linguagem. A visão pode manifestar várias possibilidades diante de uma fotografia ou de uma obra de arte, isto também pode ocorrer na leitura de um texto, uma vez que essa unidade tipográfica não é direta, o olhar alcança vários pontos distribuídos no que foi lido e o sujeito se refugia ou se dispersa. Em outras palavras, poderá fazer diversas reflexões ou não, e posicionar-se diferentemente a cada leitura.

É possível compreender esta questão, ao explorar a Música “Debaixo dos caracóis dos seus cabelos” (disponível em anexo 1), de Roberto e Erasmo Carlos. Nesta canção, é possível verificar que a situação comunicativa interfere na compreensão do texto, que pode ser interpretado através da situação comunicativa, interacional ou no contexto sócio-político-cultural. Como a letra da referida música, pode-se dizer que fala sobre uma pessoa que se encontra em um lugar distante, que não está feliz, e tem como sonho voltar para seu lugar de origem. Não estão explícitos os motivos que levaram esta pessoa a estar distante e o porquê de sua tristeza. Temos então o exemplo de uma leitura ascendente.

Entretanto, se o leitor tivesse conhecimento do contexto sócio-cultural, se tivesse informação de que a letra da música foi produzida quando vários artistas foram exilados do país, certamente seria possível fazer uma outra leitura, isto é, os compositores não estariam falando só de uma pessoa que se encontrava triste, mas da infelicidade de alguém que foi posto obrigatoriamente para fora de sua terra natal, de sua gente, de sua cultura e de seus sonhos: “Você anda pela tarde/ E o seu olhar tristonho/ Deixa sangrar no peito/Sua saudade um sonho...” Ou ainda “As luzes e colorido/ Que você vê agora/ Nas ruas por onde anda/ Na casa onde mora/ Você olha tudo e nada/ Lhe faz ficar contente/ Você só deseja agora/ Voltar pra sua gente...”

Apesar de envolver os sentidos, como a visão ou o tato (no caso de necessidades educacionais especiais) para realizar o ato da leitura, é o cérebro quem faz o trabalho de interpretação e dependendo do conhecimento do leitor, pode ter condições ou não de fazer *links* significativos sobre o texto e seus conhecimentos prévios. É nesta hora que a ação do professor enquanto mediador é imprescindível, pois se utilizar em suas aulas uma atividade de decodificação puramente mecânica, cujo objetivo seja apenas para a utilização da escrita, sem o uso de atividades interativas que busquem o prazer da descoberta, a leitura torna-se puramente reduzida, realizada por interesses avaliativos, conseqüentemente, esse tipo de

trabalho passa a significar um conjunto de respostas prontas, retiradas do texto, causando no aluno dificuldades em sua apreensão.

Martins (1994, p. 97) dimensiona com bastante clareza sobre o fato de que a maioria das entidades de ensino ainda enfocam a leitura como a decodificação de sinais gráficos, afirmando que “o fato, de especialmente na escola, ainda se restringir a noção de leitura a um processo racional de atribuição à palavra escrita talvez seja a primeira dificuldade a enfrentar, se a proposta for ler uma expressão visual”.

A leitura assume um papel bem mais amplo, o da comunicação social, pois acredita Melo (1998, p. 101) “não basta recorrer a signos possíveis de serem decodificados (lidos) por outrem. É indispensável referenciá-los a um universo cultural [...]” essa prática contribui para a aquisição de informações nos grupos humanos. Se ela for vista apenas no âmbito simbólico, estará se restringindo a um ato mecânico de codificar significados.

Em suma, o leitor ascendente não consegue captar com muita facilidade as ideias principais do texto. Primeiro começa a observar o elemento escrito para em seguida dar movimento a outras informações, é considerado iniciante por usar frequentemente a decodificação da letra ou do vocábulo escrito, antes de ativar o conhecimento linguístico, pragmático ou geral.

Nessa fase, o sujeito lê vagorosamente e, quando conclui a leitura da frase, não se lembra do que foi visto anteriormente. Por isso é necessário que o professor seja conhecedor dessa problemática e busque a melhoria do trabalho de leitura na sala de aula através de diversas atividades interativas que estimulem os leitores a melhorar seu desenvolvimento cognitivo, influenciando na sua vida social, cultural e profissional.

### 2.1.2 Leitura descendente

A leitura descendente é aquela em que o sujeito se apoia principalmente em seus conhecimentos prévios, utiliza-se dos dados visuais apenas para reduzir incertezas, faz uso dedutivo e intensivo de informações não visuais, compreende rapidamente as ideias gerais e fundamentais do texto. Entretanto faz o uso exagerado de adivinhações sem procurar confirmá-las com as informações obtidas no texto.

Nesse tipo de leitura é utilizado tanto o conhecimento da língua, como também o conhecimento cognitivo individual, pois como denota Fulgêncio e Liberato (2001, p.14) “todo esse conhecimento está de alguma forma, armazenado em nossa memória, juntamente com o conhecimento da linguagem [...] e é utilizado no processo da leitura, permitindo dar sentido aquilo que a visão capta.”

No processamento descendente, o estímulo visual consegue formar porções de ideias sistematizadas, cuja função é armazenar em nossa memória conhecimentos adquiridos ao longo do tempo.

A leitura é o efeito da interação entre a bagagem que o leitor traz consigo e o que extrai do texto. Vale dizer que o homem pratica a ação de pressupor tanto na leitura como em atividades comuns, fundamentadas na experiência individual e na informação geral, articulam-se conclusões precipitadas sobre o que vai ser dito, visto ou lido. É o que pretende evidenciar Kato (1999, p. 50) “o processamento descendente (*Top Down*) é uma abordagem não linear, que faz uso intensivo e dedutivo de informações não visuais e cuja direção é da macro para a microestrutura e da função para a forma”.

O leitor descendente faz uma análise geral do texto e em vários momentos faz uso dedutivo na interpretação do material para em seguida observar ou não o texto em seus pormenores. Além disso, emprega a prática cotidiana para identificar os caracteres tipográficos.

Em várias circunstâncias, as pessoas costumam fazer previsões de acontecimentos inconscientemente; na maioria das vezes, costuma-se acertar e quando acontece algo que foge dessa situação, causa-se surpresa.

Da mesma forma, essa antecipação ocorre na leitura. É possível que o sujeito formule ideias preconcebidas baseadas sobre as combinações possíveis de letras numa língua. Serve o exemplo da palavra *Am♥r*, possivelmente, o interlocutor terá condições de entender que a palavra escrita é amor, mesmo que a letra “o” não tenha aparecido em sua forma comum, compreende-se perfeitamente o que ela representa, fundamentado na experiência e saberes de mundo. Além desse conhecimento adquirido ao longo da data, conclui-se, com base nesse contexto que a letra intercalada entre as duas consoantes “m” e “r”, seria uma vogal, jamais uma consoante. Por outro lado, essa capacidade de previsão impede que o leitor reconheça possíveis erros ao fazer a releitura de uma produção escrita como no caso da palavra “probrema” ao invés de “problema”, nessa perspectiva não fará uso

do estímulo visual.

Vale salientar que em várias situações, o leitor descendente faz um elo entre o conhecimento visual e o conhecimento de mundo na compreensão textual. Utiliza-se desse processo para recuperar o sentido do texto, o conhecimento das palavras, o trabalho com a escrita. Por exemplo, ao escrever uma palavra iniciada com “m” o sujeito usará do seu conhecimento ortográfico e saberá que em seguida virá uma vogal. Da mesma forma que utiliza sua previsão ortográfica para ler ou escrever, também faz uso dessas adivinhações ligadas à morfossintaxe da língua a fim de relacionar as sequências das palavras na formação da frase e poderá usar o conhecimento prévio ligado ao significado dos dizeres populares ou conversas do cotidiano.

Esses métodos são de grande utilidade para auxiliar o leitor na interpretação de alguns segmentos linguísticos. Como denota Melo (1998, p.101) “[...] a elaboração da mensagem não pode prescindir do conhecimento antecipado que determinam ou potencializam a leitura.” A criação do texto, segundo o autor, não deve ser dispensada dos saberes prévios que definem ou elevam o ato de ler. Portanto, o conhecimento de mundo pode ajudar o leitor a captar melhor os sentidos das mensagens escritas e permitir que faça previsões a respeito da formação geral do texto.

Entretanto, quando o leitor faz uso excessivo das previsões e não utiliza uma leitura ascendente para checar se realmente às informações obtidas no texto são verdadeiras, certamente prejudicará a sua capacidade real de entendimento.

A leitura descendente (*Top Down*) funciona de forma heterogênea, dedutiva, direcionada de um grande para um pequeno número de informações, da vivência para a representação simbólica. Essa leitura utiliza do seu estímulo visual para resumir sistematicamente os seus conhecimentos, procurando reconhecer seus pontos principais armazenando na memória o que é mais importante. À medida que essas informações são utilizadas, em outras leituras, essas instruções vão modificando boa quantidade de saberes relativos à experiência.

A possibilidade de acertos nas previsões ocorre também quando o número de alternativas for menor, enquanto ler. Se for encontrada, por exemplo, numa receita médica a palavra HIXIZINE, é possível deduzir o seu significado e entender que se trata de um medicamento que servirá para o tratamento da enfermidade da qual o paciente está acometido. Tal fato ocorrerá caso o paciente tenha procurado o posto

de saúde ou o hospital por estar sentindo dificuldade respiratória, tosse alérgica, náusea ou vômito e o médico tenha explicado que o problema é uma manifestação alérgica, prescrevendo a medicação apropriada. Daí o paciente ou o acompanhante ao ler a palavra na receita, certamente deduzirá que o remédio serve para o tratamento de alergia.

A escolha fundamentada na leitura ascendente depende desse modo, da utilização eficiente da leitura descendente. Kleiman (2004, p.13) lembra

o leitor utiliza na leitura o que ele já sabe, o conhecimento adquirido ao longo de sua vida. É mediante a interação de diversos níveis de conhecimento, como o conhecimento linguístico, o textual, o conhecimento de mundo, que o leitor consegue construir o sentido do texto.

A aprendizagem realiza-se através do confronto entre o que se sabe e a nova experiência. Ao utilizar esses conhecimentos ao longo do tempo, com o conhecimento de mundo exterior, o estudante terá a capacidade de entender os textos apresentados.

Na verdade, a escola não aceita vestígios da oralidade, em atividades orais e escritas. Espera-se que os alunos tenham domínio de todo conteúdo apresentado seja na gramática, na ortografia ou em outras disciplinas e que consigam ter maturidade para aprender esses conteúdos a partir de uma série de definições, muitas vezes, deixando-os confusos e atordoados com tantas informações para serem processadas ao mesmo tempo.

É preciso que o professor tenha conhecimento das etapas de aprendizagem pelas quais o leitor passa para que possa modificar suas práticas de ensino, examinando com cuidado suas posturas pedagógicas perante o direcionamento da leitura. É necessário também que utilize estratégias que expliquem, informem e criem situações significativas para o leitor. Dessa forma, o professor irá, intencionalmente, proporcionar aos alunos a reflexão sobre a linguagem por meio de ações que o conduzam ao ato de ler. Para tanto, o próprio docente deve gostar de ler e ser um leitor competente, a fim de tornar a leitura significativa e atraente, despertando assim o interesse dos sujeitos por esta prática.

### 2.1.3 Leitura interacional

A leitura interacional ocorre quando o aprendiz utiliza adequadamente o processo ascendente e o descendente ao mesmo tempo, ou seja, controla com eficácia esses estímulos a fim de desenvolver uma posição ativa frente ao texto e às ideias repassadas pelo autor. É indispensável, nesta etapa de leitura, a seleção e a combinação de itens relevantes que estão indiretamente relacionados à experiência, às emoções do autor, às intenções implícitas presentes no texto e às informações prévias do leitor que podem esclarecer o significado de um texto.

Aprender a ler não significa apenas conhecer a sonoridade das letras, a junção das sílabas e frases. É necessário proporcionar ao aprendiz (criança ou adulto) o maior número de textos escritos de modo que possa perceber que a escrita funciona como subsídio na leitura. A título de ilustração, é relevante apresentar o texto e o jogo de palavras contidos no texto da figura 1.

Figura 1: Charge para refletir sobre leitura interacional



Fonte: <http://migre.me/kF8En>

O leitor eficiente certamente fará uma investigação minuciosa sobre a charge e conseguirá perceber os personagens retratados, ou seja, o professor e o aluno em sala de aula. O leitor obterá essa informação devido à imagem apresentada na charge. O professor coloca uma frase no quadro e pergunta ao aluno “o que mudou nessa frase?” e o aluno responde “Nada!”. O professor, certamente não esperava ouvir essa resposta, pois queria enfatizar e explorar a palavra “Frequente”, que não é mais grafada com trema, sinal gráfico utilizado na letra “u”. O garoto interpreta de outra forma a pergunta do professor, respondendo que não houve mudança,

fazendo uma crítica implícita sobre a deficiência no ensino público, baseado na frase escrita no quadro pelo ministrante da aula.

Na verdade, o autor do texto brinca com as imagens e as palavras, fazendo uma abordagem crítica sobre a situação do ensino, uma vez que pelas imagens percebe-se que a sala de aula está em péssimas condições para o trabalho, bem como o ensino público está precarizado, logo, a realidade educacional em *nada* mudou nas últimas décadas. Neste exemplo, é possível dizer que o leitor proficiente perceberá a crítica implícita na frase uma vez que utilizará a leitura ascendente e descendente para compreender o texto apresentado.

Desta forma, o trabalho com a leitura só terá resultados eficientes se o leitor compreender suas relações com o sistema de letramento. Em contato com a linguagem escrita, através de textos que circulam seu meio, o leitor vai adquirindo habilidades para observar e refletir sobre as vinculações e os sentidos do texto, com se formam e se organizam. Martins (1994, p. 32-33) analisa que:

[...] o leitor participa com uma aptidão que não depende basicamente de sua capacidade de decifrar sinais, mas sim de sua capacidade de dar sentido a eles, compreendê-los. Mesmo em se tratando da escrita, o procedimento está mais ligado à experiência pessoal, à vivência de cada um, do que o conhecimento sistemático da língua. A língua vai, portanto, além do texto (seja ele qual for) e começa antes do contato com ele. O leitor assume um papel atuante, deixa de ser mero decodificador ou receptor passivo. E o contexto geral em que ele atua, as pessoas com quem convive passam a ter influência em seu desempenho na leitura.

Assim, a leitura é uma forma de confrontação sucessiva de ideias. O discente, seja adulto ou criança, está continuamente em processo de aprendizagem equivalente a uma palavra ou um texto. O leitor passa a ter um papel fundamental na leitura uma vez que ao fazer uso do material escrito, utiliza o conhecimento prévio. Além disso, as pessoas, os amigos, o ambiente, a família passa a ter uma função relevante em seu desenvolvimento cultural.

As estratégias de leitura também facilitam esse trabalho uma vez que consideram o nível de qualidade do texto, o objetivo, o lugar e o estímulo no ato de ler. Portanto, o escritor ao elaborar o texto deve ser claro, conciso e fornecer dados importantes que atraiam o leitor. Este, por sua vez terá obrigação de apreender as ideias do escritor, buscar a importância da realidade vivida pelo sujeito pensante e vocabulário que facilite a compreensão de quem lê. São brincadeiras de sentido que

fazem com que os textos se tornem interessantes, bem mais que a exploração sintática.

Sob essa perspectiva, o leitor eficiente terá maiores condições de ver, no texto, o que não está escrito, mas implícito, nas entrelinhas. Esse ato não ocorre naquela leitura mecânica, muitas vezes utilizada nas escolas, feita em voz alta, acompanhada pelo professor quase sempre com propósitos avaliativos.

Isto não quer dizer que a leitura oral não deva ser empregada em sala de aula, mas deve acontecer para aperfeiçoar a entonação e a expressividade do aprendiz. Os PCN (BRASIL, 1997, p. 54) enfocam bem essa questão, ao afirmar que

um leitor competente é alguém que, por iniciativa própria, é capaz de selecionar, dentre os textos que circulam socialmente, aqueles que podem atender a uma necessidade sua. Que consegue utilizar estratégias de leitura adequada para abordá-los de forma a atender a essa necessidade.

A leitura é uma prática social complexa que visa a busca da informação, da diversão, da investigação e do significado das entrelinhas. É um ato de comunicação, de desafio, de estímulo e de constante conquista visto que a democratização social dessa prática deve estar sempre em construção de modo que o leitor participe dessa interação e consiga desenvolver o seu senso crítico e tornar-se, sobretudo, sabedor de seus direitos e deveres.



### 3 A ATIVIDADE LÚDICA, MÚSICA E LEITURA

Este capítulo enfatiza a importância da atividade lúdica e da música, explicitando como podem influenciar no desenvolvimento das habilidades e competências no ato de ler e interpretar textos.

A atividade lúdica e a música na Educação Infantil e nos primeiros anos do ensino fundamental são recursos importantes para desenvolvimento infantil, em seus diferentes aspectos. Segundo Marcellino (1997), o lúdico deve ser explorado na qualidade de um elemento cultural que possibilite ultrapassar os momentos de alegria e diversão, isto é, as brincadeiras devem ser utilizadas para que os educandos possam desenvolver habilidades e competências em várias áreas do conhecimento como Português, Matemática, Geografia, História, Arte, entre outras.

Já para Snyders (1997, p. 102-121),

a música desperta, em primeiro lugar, um desejo de evasão, porque a felicidade que ela me proporciona é uma espécie de sonho, eu não a possuo, embora gostasse de alcançá-la imediatamente. Quando, porém, escuto atentamente, compreendo que a música transforma este sonho em esperança.

É possível observar que a música, de alguma forma, pode transportar o ouvinte para um mundo de fantasia e prazer, pois atua no sujeito interferindo em seu aspecto afetivo e também cognitivo. Pois as crianças desde cedo têm contato com a música, todavia com distintas manifestações como cantigas de ninar, músicas de roda e televisão. Isso significa que a música depende do ambiente em que a criança vive e sua cultura. Atualmente, essa modalidade, possui uma variedade de instrumentos e sons modernos que possibilitam as crianças terem acesso e a se interessar por vários tipos de músicas ou instrumentos musicais. Assim, na escola pode ser explorada a música (melodia, ritmo, rimas), pensando nas possibilidades de aprendizagem por meio dessa arte pelos alunos.

Segundo Souza (1999, p. 19), ao focar o trabalho com música, no processo de alfabetização, o discurso oral acompanhado da forma escrita faz com que haja uma interação estimulante de aprendizagem. Porque as crianças gostam de ouvir e cantar músicas e quando se utiliza a melodia como recurso didático, o resultado é bastante satisfatório, pois, a música estimula o interesse do aluno que por sua vez

amplia seus conhecimentos e aperfeiçoa o desejo pelo saber e pela leitura.

### 3.1 A atividade lúdica e música

Algumas escolas e professores pouco tem utilizado as atividades lúdicas em sala de aula, uma vez que preferem e acreditam que práticas repetitivas e voltadas para a exploração de conteúdos programáticos colaboram para o processo de ensino-aprendizagem. Concomitantemente bloqueiam, de alguma forma, as brincadeiras, não incentivando a capacidade de criar. As escolas muitas vezes utilizam as brincadeiras para descontração e ocupação do tempo livre. Contudo, Piaget (1998, p.62) enfoca que “o brinquedo não pode ser visto apenas como divertimento ou brincadeira para desgastar energia, pois ele favorece o desenvolvimento físico, cognitivo, afetivo e moral”. O brincar inserido em práticas pedagógicas certamente subsidiará o desenvolvimento cognitivo dos envolvidos visto que as práticas e vivências ocorridas durante as brincadeiras possibilitam o desenvolvimento de habilidades motoras, afetivas e cognitivas.

A atividade lúdica só é eficaz se for desempenhada simultaneamente objetivando a distração e a instrução. Pois brincando os aprendizes elaboram raciocínio lógico e melhoram a sua comunicação, socializando e aprendendo. Com a introdução dos jogos e brincadeiras como recurso pedagógico, o aprendiz se desenvolve brincando e tem mais facilidade em compreender e internalizar regras, de extrema importância para a vida em grupo, despertando também para atitudes altruístas e de respeito ao outro.

É possível afirmar que o desenvolvimento de habilidades e competências do educando deve ser preocupação fundamental, de forma que oportunizar as brincadeiras incentiva um aprendizado mais relevante de habilidades essenciais para a formação integral dos sujeitos envolvidos no processo educacional. Kishimoto (2003) enfatiza a função da atividade lúdica na educação, explicitando que

a função lúdica na educação: o brinquedo propicia diversão, prazer e até desprazer, quando escolhido voluntariamente a função educativa, o brinquedo ensina qualquer coisa que complete o indivíduo em seu saber, seus conhecimentos e sua apreensão do mundo. O brincar e jogar é dotado de natureza livre típica de uns processos educativos. Como reunir dentro da mesma situação o brincar e o educar. Essa é a especificidade do brinquedo educativo. (p.37).

Nesse sentido, a atividade lúdica deve ser inserida na educação infantil e nas séries iniciais do Ensino Fundamental mediante uma proposta que torne possível uma aprendizagem significativa e contextualizada, baseada na concepção de que a criança aprende de forma efetiva quando está brincando e interagindo com seus colegas. Nessas situações, constrói e se apropria de conhecimentos.

Uma maneira de apresentar aos alunos da educação infantil e das séries iniciais a atividade lúdica é a combinação de músicas e brincadeiras objetivando a capacidade de desenvolver habilidades motoras e cognitivas. Assim, a criança inicia o processo de integração com outras crianças e com os adultos, estabelecendo uma comunicação harmoniosa, pois a música favorece a ampliação de suas vivências. Na verdade, a música na sala de aula torna-se uma atividade lúdica, porque explora diferentes recursos que se relacionam ao prazer de aprender, a alegria de estar em grupo. Brito (2003, p. 35) declara:

a criança é um ser brincante e, brincando, faz música, pois assim se relaciona com o mundo que descobre a cada dia. Fazendo música, ela, metaforicamente, 'transforma-se em sons', num permanente exercício: receptiva e curiosa, a criança pesquisa materiais sonoros, 'descobre instrumentos', inventa e imita motivos melódicos e rítmicos e ouve com prazer a música de todos os povos.

A música pode favorecer a aprendizagem das crianças sendo um excelente método pedagógico visto que provoca diversos estímulos como a expressão corporal e no ato de ouvir e refletir sobre as melodias que lhe são apresentadas, também explora a linguagem. Os movimentos provocados pelo ritmo da música ajudam a criança a conhecer melhor o corpo e a cultura a qual está inserida. Neste sentido, os Parâmetros Curriculares Nacionais (BRASIL, 1997, p. 19) analisam que:

as oportunidades de aprendizagem de arte, dentro e fora da escola, mobilizam e expressão e a comunicação pessoal e ampliam a formação do estudante como cidadão, principalmente por intensificar as relações dos indivíduos tanto com seu mundo interior como com o exterior.

A música tem a faculdade de envolver as crianças, as estimula, aumenta a autoestima e proporciona diferentes formas de aprendizagem.

### 3.2 Leitura e música

No capítulo anterior foram apontadas as etapas de funcionamento da leitura (antecedente, descendente e interacional), relacionadas ao processo de compreensão leitora, mas para que a leitura seja feita com mais eficácia, o leitor precisa apreciar o que lê, utilizando-se dos sentidos (visão, audição, olfato, tato e paladar), dos sentimentos e da reflexão.

Em suas explanações, Martins (1994, p. 40-41) ressalta:

essa leitura sensorial começa, pois, muito cedo e nos acompanha por toda a vida. [...] Embora a aparente gratuidade de seu aspecto lúdico, o jogo com e das imagens e cores, dos materiais, dos sons, dos cheiros e dos gostos incita o prazer, a busca do que agrada e a descoberta e rejeição do desagradável aos sentidos.

Na verdade, a leitura sensorial evidencia no leitor iniciante uma satisfação e uma curiosidade que o atrai a buscar nos livros instantaneamente os símbolos diferentes, as imagens coloridas e a possibilidade de descobrir os mistérios que facilitam a identificação da beleza, do encantamento, das surpresas e da alegria que uma poesia, uma música ou um livro pode proporcionar e essa brincadeira implícita vai incentivando o estudante, em sua fase inicial, a descobrir, a desenvolver sua capacidade de comunicação no meio social em que vive.

Independente do tipo de leitura escolhida pelo receptor, o ato de ler pode causar diversas emoções e sensações; pode despertar a curiosidade, incentivar a imaginação, lançar desafios, estimular a memória. Nesse enfoque, a leitura deixa de ser apenas sensorial e passa a pertencer no mundo das emoções.

Soares (1998, p.19) ressalta que “atribui-se à leitura [...] forma de lazer e de prazer de aquisição de conhecimentos e de enriquecimento cultural de ampliação das condições.” As emoções permeiam em todos os ambientes, na leitura não é diferente porque em determinados momentos da vida, o leitor faz uma seleção daquilo que o atrai seja no âmbito pessoal, social e cultural. O leitor procura, durante algum tempo, poesias, músicas ou livros que lhe despertem a fantasia, a imaginação e a emoção; e com o tempo, ao fazer uma nova leitura desse mesmo material, em outra situação, com um pensamento diferente, sem deixar aflorar as emoções, poderá achar ou não aquela leitura interessante.

Quanto à leitura desenvolvida no decurso da atividade lúdica e da música, o

ato de ler passa também por etapas, primeiro a leitura silenciosa, uma vez que esta possibilita a adaptação das pessoas às suas características individuais de ritmo, pontuação, compreensão, interpretação. Concluída esta fase de leitura silenciosa e oral é importante estabelecer a troca de ideias e aspectos do texto, a fim de que alguns pormenores que não foram percebidos anteriormente sejam abordados e esclarecidos.

Koch e Elias (2006, p. 18) afirmam que:

na atividade de leitores ativos, estabelecemos relações entre nossos conhecimentos anteriormente constituídos e as novas informações contidas no texto, fazemos inferências comparações, formulamos perguntas relacionadas com o seu conteúdo.

Isso implica dizer que diante de um texto, pratica-se uma série de ações mentais, muitas vezes inconscientemente que servem de suporte na compreensão da leitura tais como a ativação do conhecimento prévio (o estudante faz uso do que já sabe), a antecipação (previsão do que vai ser lido, apoiado nos sinais que o texto oferece) e as inferências (permitem captar as informações implícitas, lendo o que não está escrito).

Para Silva (2000, p.18) [...] “o ato de ler é, então itens relevantes da experiência que estão presentes de forma implícita no texto [...]”. Isso significa que durante a leitura, as previsões também acontecem apoiadas nos sinais os quais o texto oferece. Mas para que projetos envolvam a leitura, a brincadeira e a música aconteçam, o papel da gestão escolar é fundamental.

### **3.3 Gestão Escolar**

Gestão escolar, termo utilizado recentemente, é uma categoria que visa à administração da entidade de ensino, preocupa-se com o bem estar dos alunos, bem como organiza a parte financeira, os recursos didáticos, a merenda escolar, participa e direciona as tomadas de decisões pedagógicas existentes na escola.

Outro fator fundamental na gestão escolar que está prevista na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) de 1996 é a autonomia para utilizar recursos repassados para as instituições, procurando atender as mais diversas necessidades dos envolvidos e particularidades locais e regionais a fim de melhorar

a qualidade de ensino.

Segundo Velérien (1993, p. 15) “[...] o diretor é cada vez mais obrigado a levar em consideração a evolução da ideia de democracia, que conduz o conjunto de professores, e mesmo os agentes locais, à maior participação, à maior implicação nas tomadas de decisão.” Nesse sentido o gestor deve estar sempre procurando agir de forma mais dinâmica e democrática, buscando ouvir os participantes, estar sempre fazendo reuniões em busca do que é melhor para a escola.

Além disso, necessita estar sempre atualizado e consciente de seu papel dentro da escola, de suma importância para o desenvolvimento das atividades que envolvem toda comunidade escolar, especialmente sobre projetos de estímulo a leitura, que devem acontecer com o coletivo da escola. Para isso é fundamental que o gestor tenha objetivos voltados para o interesse da instituição e utilize a criatividade e a capacidade para se adaptar constantemente na busca do “aprender”.

No panorama de uma gestão democrática, o conceito de autonomia baseia-se na possibilidade de uma escola cidadã, com princípios éticos em que os envolvidos tenham uma participação ativa, fundamentada nos princípios de igualdade, coletividade e respeito.

A autonomia pressupõe, pois, a alteridade, a participação, a liberdade de expressão, o trabalho coletivo na sala de aula, na sala dos professores, na escola e fora dela. A educação enquanto processo de conscientização (desalienação) tem tudo a ver com a própria autonomia e, como esta, se fundamenta no pluralismo político pedagógico, garante a mudança possível no próprio sistema educacional e nos próprios elementos que o integram. (PADILHA, 2007, p. 65- 66).

Ao assumir uma administração de uma escola, é necessário que o responsável por esta função procure trabalhar de forma mais popular cujas determinações sejam discutidas e analisadas em grupo. Isso requer do gestor muita cautela e ao mesmo tempo muita autonomia para pôr em prática as ideias debatidas coletivamente.

Durante os estágios supervisionados pôde-se observar que a direção da escola buscava esse trabalho. Foi relatado pelas gestoras entrevistadas que a participação dos pais era por meio de convocação ou nas comemorações executadas na escola. Os projetos ou programas desenvolvidos eram recursos advindos do PDDE, e esse financiamento só era usado e definido quando se fazia

uma reunião com toda a comunidade escolar.

A gestora Irineide Dias Pereira de Sousa e gestora Maria das Graças Moura Guedes, ambas da EMEF Tobias de Medeiros, informaram que se orientam pelos preceitos de uma gestão democrática e para tanto utilizam vários artifícios para dirigir a referida escola, como o Projeto Político Pedagógico (PPP), regimento interno, conselho escolar, Programa de desenvolvimento da escola (PDE), projetos didáticos e o programa Família na escola, entre outros.

## **4 EXPLORANDO A LEITURA POR MEIO DA ATIVIDADE LÚDICA MUSICAL: OS ESTÁGIOS SUPERVISIONADOS**

O presente capítulo apresenta as vivências dos estágios supervisionados do curso de Licenciatura em Pedagogia-PARFOR, enfatizando a observação e a caracterização bem como os projetos de intervenções realizados na Creche Igor Mota e na EMEF Tobias de Medeiros, localizadas em Patos-PB.

### **4.1 Percurso metodológico**

Este trabalho, de abordagem qualitativa, classifica-se como uma pesquisa participante, segundo Brennand, Figueiredo e Medeiros (2012). Isso porque tem uma proposta de intervir na realidade educativa, por meio das ações do estágio supervisionado, momento essencial na formação docente.

Segundo Anna Bianchi, Alvarenga e Roberto Bianchi (2002, p. 16) “o estágio é um período de estudos práticos para a aprendizagem e experiência e envolve ainda, supervisão, revisão, correção e exame cuidadosos.” De acordo com os autores, estagiar é fundamental no processo de formação e no crescimento profissional do acadêmico além de proporcionar uma melhoria na prática pedagógica, bem como no ensino e aprendizagem.

Na verdade, as pesquisas realizadas na creche Igor Mota e na EMEF Tobias de Medeiros contribuíram para refletir sobre as práticas pedagógicas, tanto daquelas observadas nas instituições visitadas, quanto do próprio estagiário, que teve a oportunidade de ir o campo e organizar atividades relacionadas aos estudos teóricos desenvolvidos na Universidade, também embasadas nas demandas observadas.

As observações que foram feitas em ambas às escolas foi de grande importância para enriquecer a formação enquanto docente e enquanto pesquisadora, porque foi possível vivenciar uma prática de pesquisa, com estudo teórico, coleta e análise de dados.

Na verdade, é um investimento de grande valia propiciar formação às alunas-estagiárias do curso de Pedagogia-PARFOR, na medida em que também são profissionais atuantes da rede pública de ensino. Logo, a experiência de situações que desenvolvam na prática percepções teóricas, construídas ao longo do curso,



para propor alternativas de intervenção, podem contribuir não só para solucionar problemáticas existentes nas instituições campo de estágio, mas nas escolas onde atuam as graduandas. Neste sentido,

O componente curricular Estágio Supervisionado é um campo de conhecimento e espaço de formação docente que deverá ter como eixo a pesquisa da prática pedagógica, envolvendo a organização e gestão de processos educativos escolares e não escolares [...] estabelecendo estreita ligação entre teoria e prática e entre as áreas do conhecimento, ampliando a compreensão do campo de atuação e intervindo na prática educativa. (UFAL, 2006, p. 68)

A função do estágio consiste em proporcionar às alunas-estagiárias-professoras uma visão reflexiva e um conjunto de saberes importantes sobre a realidade na qual atua. Dessa forma, devem desenvolver posturas e habilidades de pesquisadores, criando projetos que lhes permitam compreender, problematizar e intervir nas situações observadas.

No caso desta investigação relatada, o interesse pelo objeto de estudo surgiu a partir das discussões sobre leitura e compreensão textual realizada durante o estágio supervisionado. No decorrer das vivências surgiu a seguinte indagação: Será que a atividade lúdica por meio da música facilita a leitura e a interpretação de texto?

Então, durante o período de estágio supervisionado do curso de Pedagogia-PARFOR da Universidade Estadual da Paraíba, campus VII – Patos foram organizados vários projetos de intervenção, baseados tanto nas ideias e reflexões dos autores quanto nos dados coletados nas escolas-campo, por meio da observação e das entrevistas com professores e gestoras. A intenção foi pensar a prática de leitura atrelada à música, procurando estimular compreensão de textos.

## **4.2 A creche**

A Creche Municipal Igor Mota, situada na Rua Moacir Leitão, no bairro Bela Vista, na cidade de Patos, Paraíba, é um órgão que está vinculado à Secretaria Municipal de Educação. Foi inaugurada em 3 de fevereiro de 1994 e regulamentada pela nº 2.999/2000.

#### 4.2.1 Caracterização da escola

O nome Igor Mota foi uma homenagem concedida pelo Deputado Edivaldo Mota (*in memoriam*) ao seu sobrinho, que faleceu vítima de um acidente. A primeira gestora da Creche foi à senhora Maria de Fátima Nunes da Silva e na época da realização do estágio supervisionado, era administrada pelas senhoras Maria das Graças Soares Medeiros de Lucena e Wilma da Silva Ávila.

A instituição funcionava em período integral, possuindo três salas de aula e atendia cento e cinco alunos no total. Localizada em área residencial, foi construída especialmente para o atendimento a primeira infância, estando em regular estado de conservação. Durante a visita observamos que a instituição possuía uma diretoria, dois almoxarifados, um depósito para material de limpeza, duas dispensas, um refeitório, uma cozinha, uma área de serviço, dois sanitários funcionando, um deles para portadores de deficiência.

Compunha também sua área útil, ambientes especiais para livre recreação e dependência para serviços técnicos como assistência pedagógica. As áreas disponíveis para educação física eram um tanque de areia e para o recreio havia uma quadra pequena cimentada. Os aparelhos eletrônicos mais utilizados pela maioria dos professores era a televisão e o aparelho de som.

Na creche os serviços prestados às crianças eram o serviço dentário. Havia ainda a associação de pais e mestres e o conselho escolar, que colaboravam com a escola no sentido de apoiar e desenvolver atividades, dirigir ou gerenciar recursos. A assistência pedagógica ocorria nos encontros pedagógicos, quando estavam disponíveis supervisores escolares efetivos cuja principal função era prestar assistência pedagógico-didática ao professor.

O corpo docente da escola era formado por vinte e dois professores, sendo vinte efetivos e dois estáveis. Havia uma secretária, dez serventes, um gestor escolar designado para o cargo, licenciado em Matemática com especialização em Educação e Supervisão, atuando de forma democrática, coordenando, gerenciando e organizando as atividades da escola, atuando junto com o diretor adjunto designado para o cargo, que remetia quase as mesmas funções da direção da escola.

A creche Igor Mota tinha sua localização privilegiada, rodeada por hospitais, praças, supermercados, igrejas, farmácias, escolas, universidades, panificadoras e

até campo de futebol. As ruas eram todas pavimentadas e as residências de alvenaria. A maioria das famílias atendidas pela creche eram assalariadas ou autônomas.

#### 4.2.2 Projeto de intervenção I: importância do brincar

A atividade lúdica só é eficaz se for desempenhada simultaneamente objetivando a distração e a instrução. Pois percebemos que brincando, os aprendizes elaboram raciocínio lógico e melhora a sua comunicação, isso significa que estão se socializando e aprendendo. Com a introdução dos jogos e brincadeiras como recurso pedagógico, o aprendiz se desenvolve brincando e torna-se mais fácil o entendimento e compreensão de regras, de extrema importância para a vida em grupo, despertando também para atitudes altruístas. Na verdade, a exploração de músicas que envolvem imitações e gestos também podem ser considerados lúdicos.

A discussão em torno da ludicidade como eixo para o desenvolvimento sócio-cognitivo das crianças tem sido amplo. Rever posturas de professores, gestores e da família em relação à educação infantil e dos primeiros anos do fundamental tem sido uma das prioridades dos programas educacionais vigentes.

Por isso originou-se o projeto intitulado “O lúdico na educação infantil: jogos e brincadeiras”, baseado em alguns especialistas na área (ANTUNES, 1998; DHOME, 2003; KISHIMOTO, 2003) a fim de incentivar a construção de valores, bem como promover atividades lúdicas também musicadas que contribuam para o desenvolvimento psicomotor das crianças.

Nesse sentido, o projeto visou proporcionar aos alunos da Creche Municipal Igor Mota momentos de convivência saudável, solidária, criativa e construtiva visto que através do jogo, da brincadeira e da música a criança atribui sentido ao seu mundo, se apropria de conhecimentos que a ajudarão a agir sobre o meio em que ela se encontra. Nesse momento de ludicidade e musicalidade a criança poderá se relacionar melhor com os colegas e familiares e, assim, desenvolver valores importantes na formação de sua identidade.

O jogo e a brincadeira contemplam inúmeras representações que a criança tem como opção de aprendizado que vem contribuir com o conhecimento e a desenvoltura da criança na sua educação lúdica infantil. “Brincar desenvolve as habilidades da criança, pois brincando aprende a socializar-se com outras crianças,

desenvolve a motricidade, a mente, a criatividade, sem cobrança ou medo, mas sim com prazer” (CUNHA, 2001, p.14). Cabe ao professor utilizar desses recursos para instruir as crianças de forma prazerosa, onde elas possam agir com autonomia diante das brincadeiras.

O desenvolvimento pessoal funda-se em um processo de auto descoberta, onde cada qual tende a tomar consciência do que sabe fazer e do que tem dificuldade, como pode potencializar aquilo que faz bem e conviver, ou diminuir, com afeitos daquilo que tem menos habilidades. O processo de comparação pode ser doloroso, porém é eficaz e, às vezes, inevitável. Porém, atividade lúdica pode compor este processo de comparação de forma agradável, divertida e em um clima de camaradagem. Quando a criança joga, ela percebe suas possibilidades e a dos companheiros. (DHOME, 2003, p.124-125).

Para este autor, os jogos e as brincadeiras são fundamentais para promover a socialização do educando. A criança passa por um processo de auto-conhecimento e vai percebendo suas características pois ao interagir, participando de jogos e brincadeiras, percebe quais habilidades ou dificuldades que possui.

Para tanto, o jogo deve ser planejado de forma que a criança se sinta estimulada a vencer os desafios e regras do brinquedo e objetivos propostos pelo professor. Neste contexto é relevante observar que o jogo deve estar inserido em suas atividades como suporte pedagógico e não como mero passatempo. Segundo Antunes (1998, p.18) "A utilização dos jogos devem ser somente quando a programação possibilitar, e somente quando se constituírem em um auxílio eficiente, ao alcance de um objeto dentro dessa programação".

Considerando tais reflexões, organizou-se um projeto de intervenção na creche investigada, a partir das demandas da creche coletadas na observação e nas entrevistas. Organizou-se então várias brincadeiras e jogos como elefantinho colorido, batata-quente, atenção, concentração, boliche, bola, entre outros. Desenvolvido no intuito de estimular vários aspectos da personalidade da criança como o físico, afetivo, social, cognitivo e criativo, bem como auxiliar a participação dos envolvidos em atividades de socialização, interagindo com grupos ou pessoas diferentes. Também foram exploradas músicas de roda, como exibidas no quadro 2.

## Quadro 2 – Trabalho com músicas de roda



Fonte: Arquivo pessoal.

#### 4.2.3 Projeto de intervenção II: Educação Infantil

No decorrer do Estágio Supervisionado II, realizado na mesma instituição, elaborou-se um projeto intitulado: “Festas Juninas”, a fim proporcionar aos alunos a vivência da leitura de forma significativa e contextualizada, explorando a leitura ascendente e descendente, visto que o tema era de domínio da cultura popular no Nordeste. Assim, ofereceu-se aos alunos a oportunidade de descontração, socialização e ampliação de seu conhecimento, através de atividades diversificadas com músicas, recorte, colagem, pintura, leitura oral e brincadeiras e apresentações características destes festejos que fazem parte do folclore brasileiro, ressaltando seus aspectos, popular, social e cultural.

Nesse ínterim, foi possibilitada a oportunidade de desenvolver uma atividade lúdica na creche visando compreender a história da festa junina e o seu valor para o folclore brasileiro, destacando seus costumes e tradições tendo em vista à promoção de atividades recreativas que possibilitem o desenvolvimento psicomotor das crianças na educação infantil, ao sucesso e, conseqüentemente, a satisfação que o ser humano procura, neste caso seria a de aprender.

As festas juninas contemplam inúmeras representações que a criança tem como opção de aprendizado que vem contribuir com o conhecimento e a desenvoltura da criança na sua educação lúdica. Nesse enfoque, Silva pontua que,

[...] em todas as épocas e em todas as regiões do planeta, as festas populares foram instrumentos fundamentais através dos quais os homens difundiram suas diversas expressões de cultura, isto é, seus conhecimentos, arte, fatos, técnicas, padrões de comportamento e atitudes (2000, p.87).

E no nosso país, as festas populares revelam a identidade cultural de um povo, seja através das festas, dos folguedos, das danças e entre outros. Cada um com seus ritmos, instrumentos, figurinos e adereços característicos que reforçam semelhanças culturais de seus participantes. Como nos faz ver Ribeiro (1994, p.135),

O festivo iguala os homens e é oportunidade de solidariedade, gratuidade. É a expressão de identidade do povo/massa e o leva a misturar-se com o místico, este gesto lúdico, se expressa na roupa colorida, nas ornamentações, no clima e no ambiente global.

Isso significa que essa data comemorativa deve ser trabalhada na Educação Infantil dentro de uma proposta que possibilite uma aprendizagem significativa, também por meio da leitura e, claro, da música. Na verdade, mesmo trabalhando com a primeira infância, podemos pensar na exploração do funcionamento da leitura, porque trabalhar com músicas de festa junina envolve a leitura descendente, assim como propõe Fulgêncio e Liberato (2001). Para tanto, é necessário à combinação de atividades e brincadeiras visando em seus educandos à capacidade de desenvolver habilidades motoras e reflexivas sobre os costumes e tradições de um povo.

Embora sejam comemoradas em várias regiões do Brasil, no Nordeste as festas ganham uma grande expressão. O mês de junho é o momento de se fazer homenagens aos três santos católicos: São João, São Pedro e Santo Antônio. Como é uma região onde a seca é um problema grave, os nordestinos aproveitam as festividades para agradecer as chuvas raras na região, que servem para manter a agricultura.

Entende-se aqui por cultura de significados, os valores, crenças, práticas e costumes, ética, estética, conhecimentos e técnicas, modos de viver e visões do mundo que orientam e dão sentido às existências individuais em coletividades humanas. (VIANNA, 2008, p. 119)

Para a autora as manifestações culturais que mobilizam uma sociedade (dança, música, festas, literatura, folclore, arte, entre outros) surgem das tradições e costumes e é transmitida de geração para geração. Em outras palavras a cultura refere-se à interação entre pessoas de uma mesma sociedade, essa varia de acordo

com as transformações ocorridas no meio social. Pode ter várias origens, já que uma comunidade pode ser composta por pessoas de vários territórios que compartilham a cultura de sua nação formando uma nova, e também abrange todas as classes sociais.

No dia 12 de junho foi realizado o projeto com a participação dos alunos da creche do Pré II, quando foram realizadas várias atividades com músicas, brincadeiras, danças, músicas de roda, desenho e pintura, explorando a temática. Foi possível perceber de fato as atividades lúdicas musicais, enfatizando questões de leitura e escrita.

Também foram expostos vídeo e apresentação de comidas típicas, bem como vestimentas a fim de reconhecer as tradições e costumes utilizados nas festas juninas, identificar e valorizar a cultura nordestina, estimular a criatividade, a ludicidade e a imaginação.

Assim, a intenção foi de que compreendessem a história da festa junina e seu valor dentro do folclore brasileiro, destacando costumes e tradições. As crianças participaram de atividades diversas, enfatizando aquelas com música como apresentadas no quadro 3.

Quadro 3 – Músicas juninas



Fonte: arquivo pessoal

### 4.3 A EMEF Tobias de Medeiros

A EMEF Tobias de Medeiros, situada na Rua Moacir Leitão, no bairro Jardim Bela Vista, na cidade de Patos-PB, é um órgão que está vinculado à Secretaria

Municipal de Educação. Foi inaugurada em 31 de janeiro de 1973 e regulamentada pela lei nº 2.999/2000, que teve como gestora escolar Monolita Pires Torres. A instituição foi reformada na administração de Nabor Wanderley e reinaugurada em 02 de fevereiro de 2007.

#### 4.3.1 Caracterização da escola e aspectos pedagógicos

A instituição atendia alunos do pré ao 5º ano e funcionava nos períodos manhã e tarde, possuindo quatro salas de aula com cento e onze alunos no total. Durante a visita observamos que a instituição possuía uma diretoria, quatro salas de aula, uma sala de informática, um depósito para material de limpeza, uma dispensa, um refeitório, uma cozinha, três sanitários funcionando, dois para os alunos e um deles para funcionários da escola.

Continha recursos pedagógicos como cem livros paradidáticos, doze jogos pedagógicos matemáticos e de leitura, dez jogos pedagógicos diversos, doze ventiladores, dois grampeadores grandes e dezesseis computadores novos. Os aparelhos eletrônicos utilizados eram a televisão e o aparelho de CD.

A escola também abrangia ambientes especiais para livre recreação e dependência para serviços técnicos como assistência pedagógica. As áreas disponíveis para Educação Física era uma quadra de tamanho razoável, com espaço cimentado.

O corpo docente da escola era formado por sete professores efetivos. Havia uma secretária, sete auxiliares de serviços gerais, um vigilante, uma adjunta e um gestor escolar efetivo e designado para o cargo, licenciado em Medicina Veterinária, atuando de forma democrática, coordenando, gerenciando e organizando as atividades da escola, bem como o diretor adjunto, designado para o cargo.

A EMEF Tobias de Medeiros fundamenta-se em valores como integração, envolvendo toda a comunidade em prol dos objetivos educacionais, ou seja, desenvolver uma consciência crítica onde os membros da instituição possam observar, compreender, agir e interagir dentro da sociedade, respeitando as diversidades culturais, sociais e econômicas.

O planejamento ocorria semanalmente. A avaliação acontecia de forma contínua e sistemática, tendo como objetivo principal a melhoria da ação educativa, visando um trabalho voltado para o processo de aprendizagem que acompanhe a



criança no seu desenvolvimento.

#### 4.3.2 Projeto de intervenção III

Buscando inter-relacionar as reflexões de Martins (1994) e Soares (1998) quando discutem a leitura como uma forma de prazer e de aquisição de conhecimento, organizou-se atividades para que os alunos interpretassem seu conteúdo partindo de suas realidades. Assim, foram propostas atividades relacionadas à várias disciplinas como português, matemática, religião, história, geografia e arte. Trabalhou-se a música como componente curricular.

Os aprendizes do 2º ano da EMEF Tobias de Medeiros se envolveram com a melodia da música e a sonoridade, explorando a leitura e considerando as análises de Fulgêncio e Liberato (2001) sobre o funcionamento da leitura (antecedente, descendente e interacional) de modo a facilitar a compreensão do leitor, mas para que a leitura seja feita com mais eficácia, o leitor precisa apreciar o texto. Foram selecionadas as músicas de roda como: Terezinha de Jesus, O cravo e a rosa, Ciranda/Cirandinha e a música “Aquarela” de Vinicius de Moraes e foi na apresentação desta última que as crianças se interessaram e tentaram cantar a letra da música que eles não conheciam, utilizando assim a leitura ascendente.

A princípio foi colocada a música no aparelho de som e foi solicitado que escutassem e tentassem desenhar aquilo que a música relatava; os alunos se envolveram e pediram para que a música fosse repetida várias vezes para que pudessem apreciá-la.

Apesar de não conhecerem a letra, em nenhum momento se aborreceram, ao contrário, suspiravam de puro prazer dizendo: *“Ai tia, que aula boa...”* Então foi trabalhado o canto, a leitura da música e a interpretação da mesma. Foi visível a mudança na participação dos alunos nas atividades desenvolvidas pois estavam envolvidos, estimulados e receptivos aos conteúdos trabalhados. Demonstraram o interesse através das produções oral e escrita e também no envolvimento nas aulas. Linda Campbell, Bruce Campbell e Dickinson (2000, p. 132) defendem que “devido à forte conexão entre a música e as emoções, a música em sala de aula pode ajudar a criar um ambiente emocional positivo que desencadeia a aprendizagem”.

A música é um dos recursos mais eficientes para envolver crianças e jovens incentivando o raciocínio e interesse no desenvolvimento das atividades escolares,

inibindo sua agressividade, colaborando, dessa maneira, na construção da personalidade do futuro adulto, inclusive interferindo no desenvolvimento da emoção.

Rosa (1990, p. 23) propõe que,

O trabalho com a linguagem musical deve ser interessante para a criança e para o professor, e isto só acontecerá se houver uma conscientização cada vez maior da importância de se respeitar a expressividade infantil e de se criar oportunidades para que a criatividade esteja presente no trabalho em sala de aula.

O professor pode utilizar da linguagem musical para realizar práticas que favoreçam o desenvolvimento das capacidades cognitivas e motoras dos alunos e ao explorar a imitação de gestos e sons, bem como a memorização, o canto da melodia, para que possam aprender.

Durante o estágio supervisionado, ao trabalhar a música *Aquarela* observou-se que o funcionamento da leitura e suas etapas foram exploradas com os alunos durante a leitura e a interpretação do texto, quando foram propostos alguns questionamentos: “Qual é o título da música? Qual é o autor da música? No verso, ‘Corro o lápis em torno da mão e me dou uma luva’, o que a expressão destacada sugere? Onde está a aquarela de que fala na música? O que sugere no poema a expressão ‘beijo azul’? Como a música está organizada em parágrafos ou em versos? Quais são as rimas?”

Ao fazer essas indagações sobre o texto, foi percebido que os alunos, baseados nas informações presentes no material impresso com a música, conseguiram responder de forma coerente, apesar de a música conter uma linguagem figurada e o compositor utilizar constantemente a metáfora. Assim, mesmo sendo de interpretação difícil, as crianças conseguiram perceber a beleza e os sentimentos contidos no poema.

Afinal a referida trata do universo infantil, do prazer que a criança sente em manifestar seus pensamentos, desenhando em qualquer papel, as suas ideias sobre o universo e os acontecimentos que permeiam a sua volta. Quando se vivencia a infância, experienciam-se sentimentos nobres, uma vez que, muitas vezes, sonham em ser médicas e salvar as pessoas, querem ser professores para ensinar as outras crianças, querem ser marinheiros e viajar o mundo todo. Nesse sentido, o mar parece tão infinito quanto o céu. À proporção que o conhecimento se amplia, mais

longe se pode ir. E nesta etapa da vida é possível, pelo mundo da imaginação, poder voar por todo o planeta e pousar onde tiver vontade.

Daí, outro fator de grande importância na leitura é a inferência, que é utilizada pela maioria dos leitores na compreensão textual. Segundo Koch e Travaglia (1999, p.65),

Inferência é a operação pela qual, utilizando seu conhecimento de mundo, é receptor (leitor/ouvinte) de um texto estabelece uma relação não explícita entre dois elementos (normalmente frases ou trechos) deste texto que ele busca compreender e interpretar.

As inferências permitem captar as informações implícitas, lendo o que não está escrito. Podem ser hipóteses baseadas em pistas dadas pelo próprio texto ou fundamentadas em informações adquiridas a longa data. Os estabelecimentos dessas deduções são ações que fazem parte da linguagem oral e escrita.

Assim, o professor tem uma função primordial nesse desenvolvimento, uma vez que é quem vai direcionar o espaço de construção e reconstrução do conhecimento. Por isso, deve pensar em atividades, temas e músicas que estimulem o desejo de ler, interpretar, participar de atividades, brincadeiras, histórias, desafios, trabalhos de arte e a fim de que através o aluno possa desenvolver a criatividade, a audição, a expressão e de um modo geral o que a preciosa imaginação infanto-juvenil consentir.

Depois dessa atividade, também realizamos outras atividades, inseridas ainda no projeto intitulado: “Como ler, interpretar e escrever no 2º ano do Ensino Fundamental”, que tinha o objetivo de explorar habilidades e competências no âmbito da leitura através de alguns gêneros textuais como história em quadrinhos e poemas, de maneira prazerosa e descontraída, despertando o gosto pela aquisição dessas competências e contribuindo, dessa maneira, na formação de leitores eficientes.

Nesse ínterim, tivemos a oportunidade de trabalhar atividades prazerosas e lúdicas na EMEF Tobias de Medeiros, conforme quadro 4, quando foram explorados gêneros textuais, visando desenvolver a habilidade de ler, interpretar e escrever de forma competente.

#### Quadro 4 – Explorando gêneros textuais



Fonte: Arquivo pessoal

Já a exploração da musicalidade, inter-relacionada à escrita, aconteceu mais uma vez por meio da dramatização da música Terezinha de Jesus, conforme apresentado no quadro 5. A letra da música foi investigada, lida e reescrita, estimulando a leitura significativa.

#### Quadro 5 – Dramatização: Terezinha de Jesus



Fonte: da autora

Tais vivências ocorridas nas intervenções do estágio supervisionado foram embasadas nas reflexões de Martins (1994, p. 30),

Seria preciso, então, considerar a leitura como um processo de compreensão de expressões formais e simbólicas, não importando por meio de que linguagem. Assim, o ato de ler se refere tanto a algo escrito quanto a outros tipos de expressão do fazer humano, caracterizando-se também como acontecimento histórico e estabelecendo uma relação igualmente histórica entre o leitor e o que é lido.

De acordo com Martins (idem) a leitura é o modo como se compreende um grupo de informações presentes em diversos suportes como um livro, um jornal, uma

revista, um poema bem como em um determinado acontecimento. É uma interpretação pessoal. Ela ainda é um testemunho oral da palavra escrita de diversos idiomas; com a invenção da imprensa, tornou-se uma atividade extremamente importante para a civilização, atendendo múltiplas finalidades. Dentre elas a habilidade de ler e compreender diversos tipos de textos como uma música, um poema, uma notícia de jornal, uma história em quadrinhos, entre outros.

No processo inicial da leitura, em que a criança visualiza os símbolos, fazendo a associação entre a palavra impressa e som, define-se decodificação. Porém, para que haja leitura é fundamental a compreensão e a reflexão do texto lido. Quando não há entendimento pelo sujeito do que se lê no texto, esta leitura deixa de ser estimulante, lúdica e motivadora. Pode-se considerar assim que uma criança lê quando compreende o que o texto propõe e quando apenas decodifica, não se pode afirmar que houve leitura.

Segundo Freire (1989, p. 36),

Ao ir escrevendo um texto ia 'tomando distância' dos diferentes momentos em que o ato de ler veio se dando na minha experiência existencial. Primeiro, a leitura do mundo, do pequeno em que me movia; depois, a leitura da palavra que nem sempre ao longo de minha escolarização, foi a leitura da 'palavra mundo'.

Para o referido teórico, a leitura já fazia parte da sua vida, antes mesmo de conhecer o universo da escrita e nem sempre as leituras existentes na escola compunham parte de seu meio social. Por isso é de extrema importância que o professor antes de iniciar o trabalho com o texto escrito deva investigar o que agrada as crianças, respeitando as diversas culturas sociais existentes para estimular a reflexão sobre o mundo em que a fantasia e a realidade interagem na criação de novas possibilidades de leitura, interpretação e produção de textos.

Vigotsky (1987) afirma que “ao brincar a criança se comporta além do comportamento habitual de sua idade, além do seu comportamento diário.” Dessa forma, é importante destacar que ao fazer a leitura de forma descontraída, com o auxílio das brincadeiras, as crianças vão se constituindo como sujeitos participativos de uma cultura letrada. Pode-se afirmar, a partir dessas reflexões, que ao propiciar atividades lúdicas no ensino da leitura e escrita em sala de aula possibilitará a construção de várias outras aprendizagens como a autonomia, o respeito por regras estabelecidas, à convivência, entre outros.

Ao se trabalhar no estágio com o canto das músicas, da recitação de poemas, história em quadrinhos, bingo de palavras, desenhos, caça-palavras, colagem, pintura, leitura oral e brincadeiras, explorando uma diversidade de recursos pedagógicos e metodológicos, possivelmente tornou o aprendizado mais fácil para as crianças. Diante disso, atividades de leitura, compreensão e escrita são de extrema importância para o processo de aprendizagem.

Neste sentido, o texto escrito deve ter um significado para quem está lendo uma vez que saber ler é um processo de interação das pessoas com o mundo e é por meio da leitura que se pode descobrir diferentes períodos e espaços, modificar as formas de agir e de pensar bem como conhecer História, Geografia, Filosofia, Política, Sociologia, entre outros. Assim a leitura deve ser o ponto de partida e de chegada para qualquer atividade educativa.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste trabalho de conclusão de curso pôde-se retomar o trajeto de estágio supervisionado, analisando de forma teórica o percurso e vivenciando assim o estágio como ato de intervenção e de pesquisa. Foi o momento de compreender o processo formativo, buscando uma interligação entre nossas vivências nas escolas de educação infantil e ensino fundamental ao tema trabalhado.

Neste sentido, os estágios supervisionados realizados na creche e na escola de Ensino Fundamental, por meio da observação, da caracterização e dos projetos de intervenções contribuíram para a formação enquanto pedagoga, enriquecendo não só a capacidade intelectual, mas também contribuíram para nossa prática pedagógica, já que atuamos em sala de aula no nosso cotidiano profissional.

Assim, a interligação com a atuação cotidiana como educadoras foi possível e de grande importância uma vez que possibilitou relacionar a teoria com a prática. Foi possível perceber que as crianças aprendem com maior facilidade quando são utilizadas a atividade lúdica e a música como instrumento pedagógico. Um texto é mais apreendido na proporção em que se permite fazer uso de estratégias lúdicas.

Ao relacionar teorias e as atividades de intervenção no estágio supervisionado, foi descoberto que é possível o aluno aprender a ler e compreender textos de forma lúdica e prazerosa desde que o professor conheça e respeite o processo ascendente, o descendente e interacional pelo qual a criança passa na leitura. Considerando tais etapas da leitura, certamente o professor terá mais habilidade e competência para mediar o conhecimento com os aprendizes, principalmente no âmbito da leitura.

Quanto à problemática que norteou esta investigação, considera-se que pode ser aprofundada em outros momentos de formação, de forma que as ideias aqui expostas podem ser retomadas ou até modificadas porque não existe verdade absoluta. Vale dizer que a temática poderá ser ampliada através de outros momentos formativos como especialização, mestrado e posteriormente doutorado.

Ao concluir esse trabalho, espera-se uma melhor compreensão acerca da abordagem sobre a leitura fazendo uma reflexão sobre os textos que circulam no meio escolar e social na tentativa de torná-los mais interessantes e compreensíveis aos olhos de quem os lê, os alunos.

## REFERÊNCIAS

- ANTUNES, C. **Jogos para Estimulação das Múltiplas inteligências**. Petrópolis: Vozes, 1998.
- BIANCHI, A. C.; ALVARENGA, M.; BIANCHI, R. Manual de orientação: estágio supervisionado. 2 ed. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2002.
- BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: língua portuguesa**. Brasília: MEC/SEF, 1997,144p.
- BRENNAND, E. J.; FIGUEIRÊDO, M. do A. C. de; MEDEIROS, J. W. **M. Metodologia Científica na Educação a Distância**. João Pessoa: Editora da UFPB, 2012
- BRITO, T. A. de. **Música na educação infantil**. São Paulo: Peirópolis,2003.
- CAMPBELL, L.; CAMPBELL, B.; DICKINSON, D. **Ensino e aprendizagem por meio das inteligências múltiplas**. 2 ed. Porto Alegre: Artmed, 2000.
- CUNHA, N. H. da S. **Brinquedo, desafio e descoberta para utilização e confecção de brinquedos**. Rio de Janeiro: Fae, 2001.
- DHOME, V. **Atividade lúdica na educação: o caminho de tijolos amarelos do aprendizado**. Rio de Janeiro: Vozes, 2003.
- FREIRE, P. **A importância do ato de ler: em três artigos que se completam**. São Paulo: Cortez Editora e Autores Associados, 1989.
- FULGÊNCIO, L.; LIBERATO, Y. G. **Como facilitar a leitura**. 4 ed. São Paulo: Contexto, 2001.
- KATO, M. **O aprendizado da leitura**. São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- KISHIMOTO, T. M. **Jogos, brinquedos, brincadeiras e educação**. 4. ed. São Paulo: Cortez, 2003.
- KLEIMAN, Â. **Oficina de leitura: teoria e prática**. 10ed. São Paulo: Pontes, 2004.
- KOCH, I. G.; TRAVAGLIA, L. C. **A coerência textual**. 9 ed. São Paulo: Contexto, 1999.
- KOCH, I. G. Villaça; ELIAS, V. M. **Ler e compreender: os sentidos do texto**. Contexto, 2006.
- MARCELLINO, N.C. **Pedagogia da animação**. Campinas, São Paulo: Editora Papyrus, 1997.
- MARTINS, M. H. **O que é leitura**. São Paulo: Brasiliense, 1994.



MELO, J. M. de. Comunicação social: da leitura crítica. *In*: ZILBERMAN R.; SILVA, E. T. da. (Orgs.). **Leitura: perspectivas interdisciplinares**. São Paulo: Ática, 1998.

ORLANDI, E. P. Interpretação: autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico. *In*: ZILBERMAN R.; SILVA, E. T. da. (Orgs.). **Leitura: perspectivas interdisciplinares**. São Paulo: Ática, 1998.

PADILHA, P. R. **Planejamento dialógico: como construir o projeto político pedagógico**. 7 ed. São Paulo: Cortez, 2007.

PERINI, M. A. leitura funcional e dupla função do texto didático. *In*: ZILBERMAN, R.; SILVA, E. T.da. (Orgs.). **Leitura: perspectivas interdisciplinares**. São Paulo: Ática, 1998.

PIAGET, J. **A psicologia da criança**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1998.

RIBEIRO, H. **A identidade do brasileiro**. Rio de Janeiro: Vozes, 1994.

ROSA, N. S. S. **Educação musical é para 1ª a 4ª série**. São Paulo: Ática, 1990.

SILVA, E. T.da. **O ato de ler: Fundamentos psicológicos para uma nova pedagogia da leitura**. 8 ed. São Paulo: Cortez, 2000.

SNYDERS, G. **A escola pode ensinar as alegrias da música?** 3 ed. São Paulo: Cortez, 1997.

SOARES, M. B. Compreendendo a leitura: uma reflexão em contra ponto. *In*: ZILBERMAN Regina & SILVA, Ezequiel Theodoro da. (Orgs.). **Leitura: perspectivas interdisciplinares**. São Paulo: Ática, 1998, pp. 18-19.

SOUZA, L. V. **Sentido na Produção de texto Crianças em fase de alfabetização**. Goiânia: 1995.

UFAL. **Projeto Político Pedagógico do Curso de Pedagogia**. Maceió: CEDU/UFAL, 2006. Disponível em:  
<[http://www.ufal.edu.br/prograd/academico/cursos/campus\\_sertao/ppp\\_pedagogia](http://www.ufal.edu.br/prograd/academico/cursos/campus_sertao/ppp_pedagogia)>  
Acesso em: 03 dez. 2013.

VELÈRIEN, J.; DIAS, J. A. **Gestão da escola fundamental: subsídios para análise e sugestão de aperfeiçoamento**. São Paulo: Cortez; Brasília: UNESCO/MEC, 1992.

VIANNA, L. Patrimônio imaterial novas leis para preservar... O quê?. **Cultura popular e educação**. Brasília: Salto para o futuro, TV escola SEED/MEC, 2008.

VIGOTSKY, L.S.A. **A formação social da mente**. São Paulo: Martins Fontes, 1987.

**Anexo 1**

“Debaixo dos caracóis dos seus cabelos”  
(Roberto Carlos e Erasmo Carlos)

Um dia a areia branca seus pés irão tocar  
E vai molhar seus cabelos a água azul do mar  
Janelas e portas vão se abrir pra ver você chegar  
E ao se sentir em casa, sorrindo vai chorar

Debaixo dos caracóis dos seus cabelos  
Uma historia pra contar de um mundo tão distante  
Debaixo dos caracóis dos seus cabelos  
Um soluço e a vontade de ficar mais um instante

As luzes e o colorido  
Que você vê agora  
Nas ruas por onde anda,  
na casa onde mora  
Você olha tudo e nada  
Lhe faz ficar contente  
Você só deseja agora  
Voltar pra sua gente

Debaixo dos caracóis dos seus cabelos  
Uma historia pra contar de um mundo tão distante  
Debaixo dos caracóis dos seus cabelos  
Um soluço e a vontade de ficar mais um instante

Você anda pela tarde  
E o seu olhar tristonho  
Deixa sangrar no peito  
Uma saudade, um sonho  
Um dia vou ver você  
Chegando num sorriso  
Pisando a areia branca  
Que é seu paraíso.

Debaixo dos caracóis dos seus cabelos  
Uma historia pra contar de um mundo tão distante  
Debaixo dos caracóis dos seus cabelos  
Um soluço e a vontade de ficar mais um instante

Debaixo dos caracóis dos seus cabelos  
Uma historia pra contar de um mundo tão distante  
Debaixo dos caracóis dos seus cabelos  
Um soluço e a vontade de ficar mais um instante

Debaixo dos caracóis dos seus cabelos  
Uma historia pra contar de um mundo tão distante  
Debaixo dos caracóis dos seus cabelos  
Um soluço e a vontade de ficar mais um instante.

**Fonte:** <<http://www.vagalume.com.br/roberto-carlos/debaixo-dos-caracois-dos-seuscabelos.html#ixzz34L9WsAFB>>.